



NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

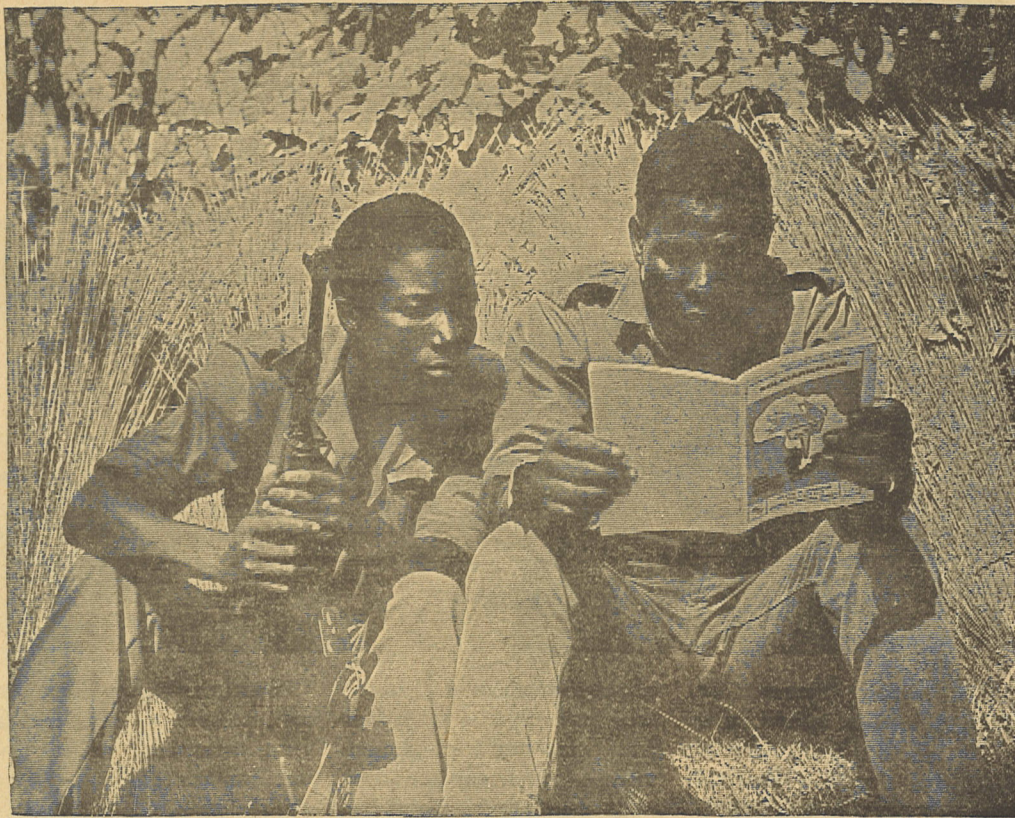
REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Nino Vieira recebido por Aristides Pereira

O camarada João Bernardo Vieira (Nino), da Comissão Permanente do CEL do Partido e Comissário Principal nomeado, foi recebido ontem em audiência pelo camarada Aristides Pereira, Secretário Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde, aquando da sua visita de trabalho àquele país.



Campanha de Superação Escolar nas FARP

Eliminado o analfabetismo no seio das Forças Armadas

Após longa luta de libertação nacional, e com os canos das armas quentes, a Direcção do nosso Partido e das FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo) compreenderam a necessidade urgente de, a nível das nossas Forças Armadas, se desencadear uma ofensiva geral contra um dos mais poderosos inimigos da nossa independência e das conquistas da nossa libertação: o analfabetismo.

Hoje, cinco anos após a nossa independência, o analfabetismo está virtualmente extinto no seio

das FARP. Estes gigantes resultados, foram nos revelados ontem, pela Comissão de alfabetização das FARP. Ao fim de 2 anos, já

a percentagem de 41 por cento de analfabeto estatava reduzida unicamente a 4%. E actualmente, em todas as nossas Forças Armadas constam-se apenas com 0,5 por cento de militares sem escolarização.

Recorde-se que, depois de formado um vasto grupo de combatentes, dispostos a levar por diante a tarefa de tão alta importância e

(Continua na página 8)

EUA recebem Ian Smith

Frente Patriótica do Zimbabwé condena a posição americana

A Frente Patriótica do Zimbabwé protestou vigorosamente contra a decisão americana de autorizar a entrada do chefe do regime ilegal da Rodésia, Ian Smith, nos Estados Unidos.

Numa declaração difundida em Nova-York pela missão de observação permanente da frente na ONU, esta constata que «com esta atitude, os Estados Unidos lançaram um desafio à ONU e a toda a comunidade mundial que se esforça para isolar o regime racista de Salisbúria. A declaração pede a administração americana para modificar a sua decisão e para não admitir

Smith nos E.U.A., porque ele quer aproveitar da visita para conseguir apoio político e material para o governo racista.

Em Lusaka, um porta-voz da ZAPU (um dos movimentos que integram a Frente Patriótica, e que é dirigida por Joshua Nkomo) condenou a decisão do governo americano, dizendo que ela revela as relações económicas, políticas e militares que sempre existiram entre as sucessivas administrações americanas e o regime de Salisbúria. (Tass).

SWAPO propõe o cessar-fogo na Namíbia

LUANDA, 5 — A Swapo está disposta a assinar o cessar-fogo com a África do Sul para que uma solução honrosa possa ser encontrada no processo da independência da Namíbia, declarou na quarta-feira em Luanda o presidente deste movimento de libertação, Sam Nujoma, no seu regresso de Nova Iorque, onde participou nos trabalhos da 33.ª Assembleia Geral da ONU.

Nujoma acrescentou que considera como uma vitória do mundo progressista, a admissão da Swapo nas Nações Unidas como membro activo e Não-Alinhado. — (FP).

Prémio Nobel da literatura para Isaac Singer (Pág. 7)
CHÉ: uma vida de luta (Pág. 6)

Cooperação internacional Proposta de orçamento da SIDA prevê um aumento de 20 por cento

Segundo a proposta submetida recentemente pela SIDA ao Parlamento sueco, o montante global do da cooperação canalizada por aquele organismo para os países em desenvolvimento deverá registar, no próximo ano, um aumento de cerca de 20 por cento, passando de 3.870 milhões de coroas em 1977/78, para 4.700 milhões em 79/80.

A ser aprovada esta proposta — o que provavelmente acontecerá, pois foi elaborada por uma comissão em que estão representados todos os partidos

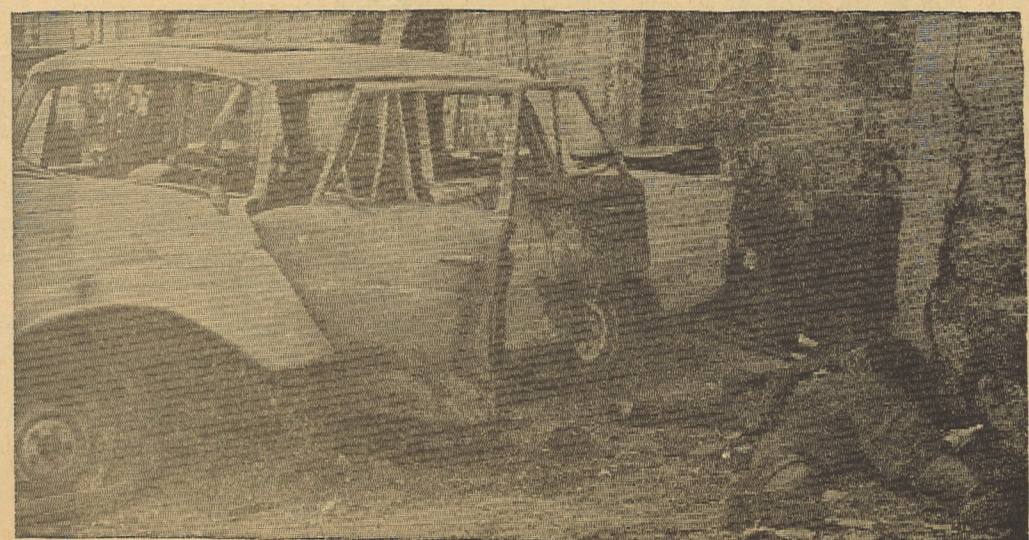
parlamentares — será atribuído ao nosso país um auxílio de 55 milhões de coroas (cerca de 550 milhões de pesos), o que representa um aumento de 5 milhões em relação ao orçamento anterior. A Cabo Verde deverão caber 25 milhões (mais 3 milhões do que no ano transacto).

Os aumentos mais significativos na proposta da SIDA são os que irão beneficiar os movimentos de libertação na África do Sul, na Namíbia e no Zimbabwé.

(Continua na página 8)

Agravou-se o conflito libanês

● Agha Khan em Beirute para obter a paz



Incêndios, mortos e escombros, tal é a imagem de Beirute

A intensidade dos combates diminuiu sensivelmente em Beirute (onde o número de mortes teria atingido, quinta-feira para hoje, mais de meia centena), mas o conflito libanês ganhou uma nova dimensão com a intervenção das unidades navais israelitas que bombardearam anteontem posições das Forças Árabes de Dissuasão e palestinas nos bairros ocidentais de Beirute, e que é interpretada pelos observadores como uma advertência à Síria.

Os confrontos alargaram-se

(Continua na página 8)

Polémica à volta dum pedaço de carne (estragada)

Camarada Director:

Quero aproveitar esta coluna dos leitores para falar dum problema decisivo para a saúde pública, o dos caixotes de lixos que se encontram à beira das ruas.

No dia 20 de Setembro, deitei um pedaço de carne dentro do caixote de lixo. Passaram-se dois dias... o que aconteceu? Verifiquei que as pessoas, assim que chegavam ao pé do caixote, fugiam desse local que era em frente da minha casa.

Fui averiguar e verifiquei que a carne que eu lá tinha deitado a dois dias atrás, já se encontrava podre e que o cheiro se fazia sentir a grande distância. No dia seguinte, fui à direcção da limpeza da cidade, onde me pediram a rua e o n.º da casa.

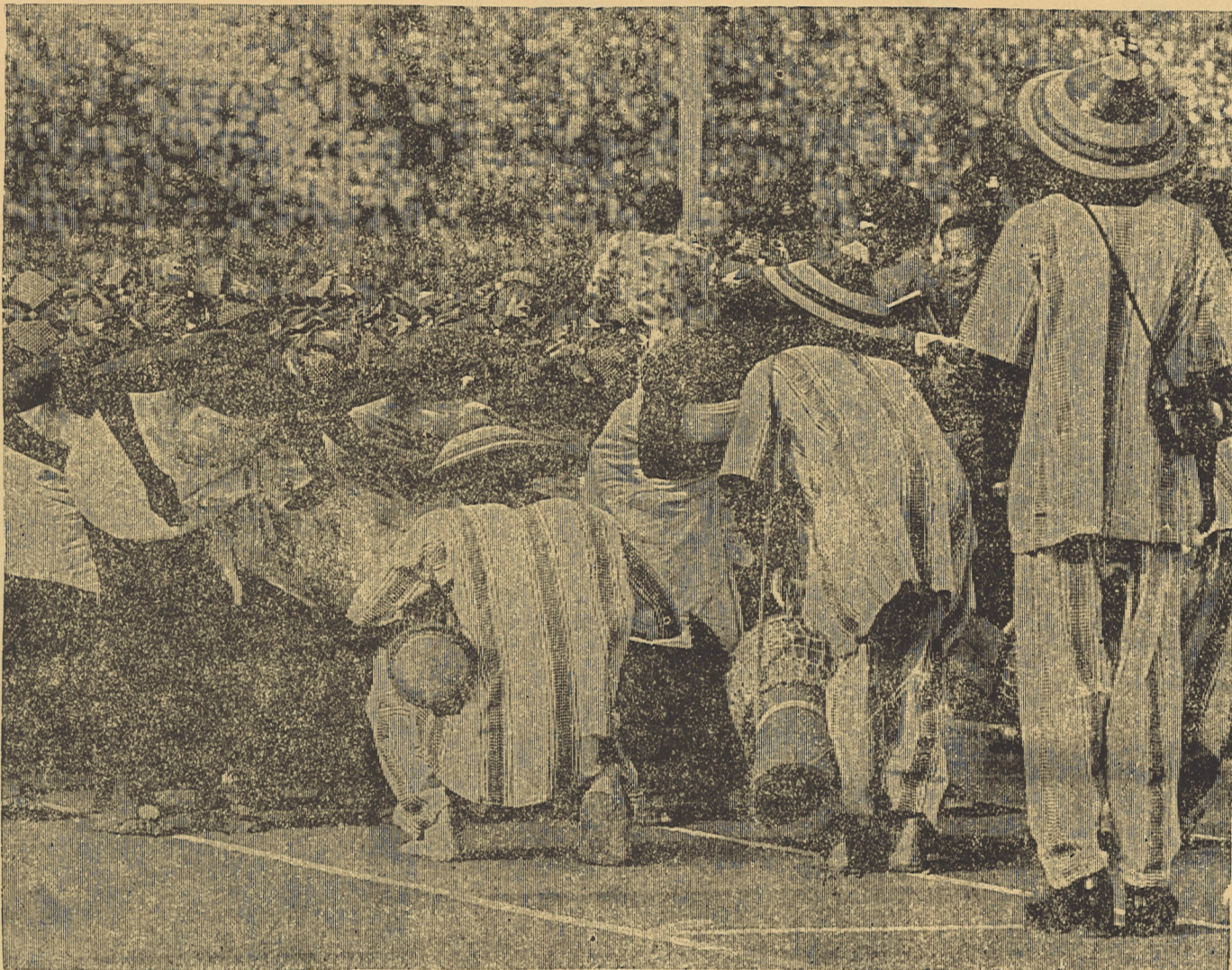
Depois desta informação, fiquei à espera de que o lixo fosse evacuado. Mas, à tarde, quando voltei do serviço, vi que quem estava a despejar o tanque do lixo eram os cães e os gatos. Por cima delas prosperavam as moscas e mosquitos.

Quando é que os camaradas da secção de limpeza da cidade serão cumpridores da palavra? Será necessário que nós, que não possuímos espaço no quintal, tenhamos que fazer um buraco no passeio para deitar o lixo?

Quem sabe se os camaradas da direcção de limpeza da cidade ficarão de braços cruzados à espera que a voz dos Assuntos Sociais lhes faça uma crítica? Quando deixarão os lixos de ficar por muito tempo nos caixotes?

«KUMPO»

Vai ser exibido hoje na UDIB um filme sobre o "Festac 77"



O Conselho Nacional da Cultura leva a efeito hoje, às 21 horas, a projecção de um filme sobre o Festival Mundial das Artes Negro-Africanas «Festac 77», realizado de 15 de Janeiro a 12 de Fevereiro do ano passado em Lagos, Capital da Nigéria.

Este filme documentário, adquirido pelo CNC, é uma produção nigeriana. A sua projecção permite ao públi-

co guineense não só ter uma visão do que foi o festival, como também compreender a importância e a riqueza da cultura negro-africana.

Recordamos que o Festac, uma das maiores manifestações artísticas do nosso tempo, se desenrolou sob o signo da unidade na defesa e ilustração dos valores culturais negro-africanos.

Nessa manifestação cultural, a Guiné e Cabo Verde estiveram representados através de uma única delegação.

As exposições organizadas durante o festival ofereceram aos participantes uma amostra tanto das formas tradicionais como modernas de expressão cultural africana. Paraphraseando o camarada Mário de Andrade, Coordenador-Geral do

CNC e um dos elementos da nossa delegação ao Festac, através dessa diversidade corria o fio condutor da permanência e dinamismo das artes populares africanas.

De salientar que, durante a manifestação artística de Lagos, o público apreciou uma exposição da arte tradicional e moderna do nosso povo: nalú, bijagó, papel, felupe e mandjaco.

Responde o Povo

Como vê o próximo Nacional de Futebol?

Dentro de pouco tempo teremos de novo o nacional de futebol. Mais um campeonato de futebol que a «boa gente» desta modalidade tem vindo a considerar de pouco competitivo, porque vários jogadores que representaram os equipas participantes no nacional, os chamados «cráques», abalaram para Portugal.

Entre essa «boa gente» do futebol, alguns mostram-se mais optimistas, quando dizem que os jogadores que trocaram o futebol guineense pelo português devem ser esquecidos, visto existirem cá na terra rapazes iguais ou superiores aos que foram. Para esses, o importante é saber aproveitá-los.

Interessa também saber em que pé irá terminar a época desportiva que se avizinha. Será que as coisas irão tomar o rumo da época transacta? Não acreditamos nisso, pois pensamos que os pesados castigos àqueles actos (facilidades dados na penúltima jornada do último campeonato) servirão de lição a todos os clubes participantes.

Como vê o próximo nacional de futebol, foi a pergunta que o «Responde o Povo» fez a alguns inquiridos.

CONFIANÇA NOS QUE CÁ ESTÃO

Graciano Sousa Cordeiro, atleta do Benfica — «Antes de mais gostaria que as pessoas que dizem que os melhores jogadores foram pa-

ra Portugal, tivessem mais confiança nestes que temos cá. Se tiverem então a época será boa com a colaboração de todos, dando cada um o seu melhor esforço porque penso que estes atle-

tas que cá estão têm o seu valor.

Como atleta, peço à Federação que apoie o mais que puder todas as equipas, para que possam tomar parte efectiva no campeonato, visto várias estarem inscritas condicionalmente.

Quanto à taça Amílcar Cabral, peço mais uma vez à Federação que proporcione condições aos jogadores, como por exemplo uma boa alimentação, bom alojamento, etc., para que possam render cem por cento nos trabalhos da selecção. Apesar de perdermos um Niná, um Adão, acho que ninguém é insubstituível.

CONVIDAR CERTOS ATLETAS QUE FORAM PARA PORTUGAL

Lássana Camará — Jovem atleta (19 anos) — «Penso que a nova época que co-

meça, com o esforço de todos nós, deverá ser boa.

Quanto ao problema da Taça Amílcar Cabral, penso que devemos convidar certos atletas que foram para Portugal, aqueles que achamos que nos fazem falta, para virem tomar parte nos trabalhos da selecção.

Aproveito para lançar um apelo, para que certas situações sejam banidas do nosso desporto, situações como as da final da Taça da Guiné, entre as equipas da Udib e das FARP situações mesmo lamentáveis, senão vergonhosas: pancadadas sobre o árbitro e as forças da Ordem sem intervir.

Que a Federação aumente na medida das suas possibilidades, o montante da ajuda financeira aos clubes que participam no campeonato.

ACABAR COM AS AGRESSÕES NOS CAMPOS

Iancuba Injal — Funcionário Público — Para começar, penso que este problema é discutível, na medida em que realmente existem vagas deixadas pelos jogadores que partiram para Portugal. Mas, se quisermos, e com o esforço de todos, podemos superar essa crise fazendo com que estes corajosos atletas que cá estão rendam no máximo, dando um grande interesse ao campeonato e uma participação muito importante à Taça Amílcar Cabral.

Quanto ao problema que se põe quanto aos atletas que participam para Portugal, convidá-los a virem tomar parte nos trabalhos da selecção talvez seja menos

prezar o esforço dos que ficaram dando a sua contribuição, apesar das dificuldades que o desporto do nosso País enfrenta.

Houve situações lamentáveis na final da Taça da Guiné, que espero não voltar a se repetir nas próximas épocas desportivas, que o Estado tome medidas no sentido de acabar com estas situações que até comprometem o nosso futebol.

E para finalizar, peço às autoridades desportivas que apoiem no máximo os jovens atletas que temos por aqui, que penso que são capazes, e que as «claques» sejam também mais disciplinadas a fim de se poder evitar agressões desnecessárias e que os jogadores em campo respeitem os árbitros. E... muita boa sorte a todos os desportistas.

Boa Vista:

Largas potencialidade a desenvolver

«Boa Vista é uma das maiores ilhas de Cabo Verde e com largas potencialidades» — declarou o camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro da República irmã, nas nossos colegas da «Voz di Povo», após o seu regresso de uma visita de trabalho daquela ilha. A primeira parte da intervenção do chefe do Governo caboverdiano, foi publicada no nosso número anterior, esta é a segunda e a última parte.

Para o camarada Pedro Pires o aspecto mais importante da sua visita à ilha da Boa Vista foi a possibilidade tida de contactar com as realidades da população e da terra, conhecer as pessoas, discutir com a administração local os problemas da ilha e verificar os efeitos positivos das obras de correlação torrencial aí realizadas.

«Boa Vista é uma das ilhas maiores de Cabo Verde, mas que tem uma população muito reduzida, que tem seus problemas próprios, mas que também tem largas potencialidades» — declarou o Primeiro-Ministro que afirmaria que os problemas de Boa Vista, os mais prementes, poderão ser resolvidos sem grandes dificuldades. O Camarada Pedro Pires falando das dificuldades de Boa Vista referiu-se nomeadamente à sua melhor apresentação e contemplação mais realista no programa do Governo para 1979. Teria sido agradável verificar o bom com-

portamento das obras de correcção torrencial perante as chuvas, copiosas, caídas na parte nordeste, principalmente dos diques da maior Ribeira da ilha, a do Rabil, permitindo um grande alagamento da superfície do vale, que poderá ter um efeito muito bom nos resultados do ano agrícola, como para a solução do problema de abastecimento de água na ilha.

O nosso interlocutor que se declararia estar convencido que os trabalhos que estão sendo feitos e os que virão a ser feitos são a melhor via para a resolução dos problemas mais urgentes de Boa Vista que anunciou estar para breve, reconheceria a fraqueza dos meios até agora postos à disposição para esse fim.

O Primeiro-Ministro evidenciou a sua satisfação por ter encontrado uma população aberta e alegre na Boa Vista e, nesses dias, embrigada de emoção pela vinda de chuvas como há muitos anos se via — segun-

do os mais velhos. Isso apesar de uma parte da ilha com um vale também importante não ter chovido ainda. As chuvas abundantes na Boa Vista — afirmou o camarada Pedro Pires — leva-nos a encarar com certo optimismo o ano agrícola na ilha.

BOA VISTA E OS TRANSPORTES

Há toda uma tradição de ligação de transportes marítimos de Boa Vista com S. Vicente e existe de facto o problema de ligação com Santiago. A ligação anteriormente era facilitada, até porque as pessoas de Boa Vista possuíam os seus próprios barcos à vela — diria o Primeiro-Ministro levado a falar do problema, sempre apontado de transportes na Boa Vista sejam marítimos ou terrestre. O facto da nova aquisição da unidade marítima da Companhia Arca Verde «carregar» o nome de Boa Vista (sem que isso queria dizer que será essa unidade a efectuar a ligação com a referida ilha, mas libertará unidades menores para isso) é indicativo do quanto o Governo tem em conta o problema de transportes nessa ilha.

Ainda nesse ponto, o Primeiro-Ministro explicando a existência dessa tradição diria que, «em tempos, Sal-Rei em relação a Cabo Verde podia ser considerado um centro marítimo», pois as pessoas de Boa Vista eram os próprios proprietários dos barcos. O camarada Pedro Pires reconheceria que «nós ainda não conseguimos resolver totalmente o problema de ligação marítima inter-ilhas, mas acrescentaria, o objectivo é garantir o que se poderia chamar uma «ligação circular entre todas as ilhas pelo menos duas vezes por mês e isto iria facilitar o transporte marítimo, o comércio e uma série de coisas».

O problema de transportes terrestres na Boa Vista não é uma questão de transportes colectivos, se bem que não, seja de escamotear de uma vez isso. É sim, de garantir o transporte de mercadorias, de materiais de construção, de cal, pedra, transporte de cimento etc. Trata-se, de momento, de não existência de uma frota de camiões para tais serviços. O Governo, há algum tempo, decidiu detar cada Conselho de, pelo menos, um camião, que inclusivamente já se encontram em Cabo Verde.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

V — PARA A MELHORIA DAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS (*)

Muitos carregadores de «Patchanga» (1) que se estragaram é porque estiveram muito tempo carregados sem afrouxar a mola, quer dizer, estiveram muito tempo sem dar tiros.

Não temos feito reconhecimentos como deve ser, antes de fazermos os ataques. O resultado é que muitas vezes vamos fazer ataques e caímos nas minas. Não temos sabido fazer planos como deve ser, na prática concreta de um ataque, porque o dirigente pode fazer um plano geral para um ataque, mas na realidade concreta de colocar os homens no terreno, no momento do ataque, alguns comandantes não têm sabido, fazer como deve ser. O resultado é que não temos tirado o devido rendimento desses ataques. Devemos, por exemplo, reconhecer, que até hoje, só em dois ataques a quartéis inimigos, é que prendemos tugas, em Catandunda e em Bissassema. Ora isso é muito pouco com tantos ataques a quartéis. Quando os tugas saíram de vinte e tal quartéis, vejam, as oportunidades que perdemos de matar uma quantidade de inimigos. A falta de vigilância e de persistência na vigilância, é infelizmente uma das características das grandes faltas das nossas Forças Armadas.

A primeira condição para melhorar as nossas Forças Armadas, é que os nossos comandantes melhorem o seu trabalho. Temos que acabar de uma vez para sempre com aqueles comandantes que não comandam nada, que estão apenas a gozar o comando. Com aqueles coordenadores que não coordenam nada, que apenas à sua vida privada, e com aqueles responsáveis da luta armada que, estando perto da fronteira, passam a maior parte do tempo fora do seu posto. Temos que acabar de uma vez para sempre com isso, porque senão estão a enganar-se a si mesmos e a enganar-nos.

Temos, portanto, como primeira condição, que melhorar os próprios responsáveis, porque qualquer um de vocês aqui presente, sabe que o valor dos nossos combatentes depende muito daqueles que estão à sua frente. Se o que está à frente é bom, os combatentes são muito bons. Se quer ataques, há ataques todos os dias. Vejam por exemplo, o camarada Nino, o camarada Quemo, o camarada Pansau e o camarada Bobô durante muito tempo na área de Sambuia. Desde que se ponham os combatentes a atacar, eles querem atacar. Se o chefe passa à frente, se tem coragem, eles atacam. Mas nós sempre dissemos que não, é indispensável que os combatentes vão dar tiros nos quartéis, o que é fundamental é que levem a sua gente para dar tiros.

(*) Exposição no seminário de Quadros, em Novembro de 1969.

(1) Alcinha dada pelos combatentes a uma arma automática de fabrico soviético.

Campanha de arborização

Aderindo à campanha de plantação de meio milhão de árvores, lançada pelo Primeiro Ministro, cerca de trezentos elementos das Forças Armadas, da Polícia e do pessoal do Ministério da Defesa e Segurança, tendo à sua frente o comandante Silvino da Luz, Ministro da Defesa e Segurança Nacional, deslocaram-se hoje ao perímetro de floresta de Achada Mosquito, onde, em duas jornadas, plantaram já um total de seis mil árvores.

O perímetro de floresta de Achada Mosquito é actualmente uma área de cem hectares, devidamente preparada pelo Ministério do Desenvolvimento Rural com base num financiamento de cerca de setecentos contos do Fundo de Desenvolvimento Nacional, onde conjuntamente com floresta se procede à plantação de pastagens. Sendo um projecto ambicioso que pretende recuperar uma zona outrora rica florestalmente, esse trabalho será prosseguido em toda a área de Achada Mosquito, onde, uma vez concluído será possível a criação de largas centenas de cabeças de gado.

Cabo Verde no FMI e no Banco Mundial

A posição do grupo do Banco Mundial relativamente à adesão de Cabo Verde àquela instituição de crédito internacional deverá ficar definida no decorrer da assembleia anual que, de 25 a 28 do corrente, decorre na capital norte-americana de Washington.

Os princípios de adesão do país irmão ao FMI (Fundo Monetário Internacional) foram já anteriormente aprovado pelo seu Conselho de Governadores.

A fim de representar o

Governo nas assembleias anuais que se realizam conjuntamente, debater todos os assuntos relacionados com a entrada de Cabo Verde para as duas instituições e continuar os contactos com os diversos organismos financeiros nelas representados, foram à Washington, desde o passado dia 20, de Setembro, uma delegação do Banco de Cabo Verde composta pelo governador Corentino Santos e pelo Manuel Costa.

A entrada de Cabo Verde

nas organizações económicas do FMI e do Banco Mundial faz-se «por vontade própria e sem pressões», conforme em Julho declarou Pedro Pires, em conferência de Imprensa dada na cidade da Praia. O Primeiro-Ministro pôs em destaque, nessa altura, o desejo e a determinação do Governo de «libertar o mais rapidamente possível o nosso país do atraso económico e de outros males do sub-desenvolvimento herdados do longo período da dominação colonial».

Luís Romano profere conferência sobre crioulo

O escritor caboverdiano Luís Romano, autor, entre outros Romances, «Famintos» e «Lzimparim» (este último em crioulo, de Santo Antão vernáculo) proferiu no anfiteatro do Ministério dos Negócios Estrangeiros uma palestra subordinada ao tema «Língua materna, uma força nacional».

Luís Romano, actualmente Cônsul Honorário de Cabo Verde no Brasil, é um no-

me sobejamente conhecido e a sua palestra, organizada pela Direcção-Geral da Cultura, inscreve-se segundo nota desse departamento, numa «campanha de sensibilização e promoção da língua materna» caboverdiana, que terá como seguimento um seminário linguístico sobre o crioulo «com vista à sua introdução futura como língua de ensino».

Militante a favor de

maior espaço a ser concedido à nossa língua nacional (não confundir com oficial), Luís Romano tem provado através da palavra e da prática (de que Lzimparim é o expoente máximo) as possibilidades de utilização literária do crioulo, contra a inércia do bilinguismo, inclusivamente em trabalhos já publicados no semanário «Voz di Povo».

Em conclusão da entrevista concedida aos órgãos de informação nacional, o camarada Júlio de Carvalho (Julinho), membro do Conselho Superior de Luta do Partido e Comissário Político Nacional das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, aborda, neste número, questões da disciplina militar e faz breves considerações sobre o caso de indisciplina que se verificou na final da Taça da Guiné-Bissau. Seguidamente, fala-nos da política de formação de quadros no seio das Forças Armadas e, por fim, analisa a nossa política de defesa nacional, com vista ao futuro estabelecimento de um regime de serviço militar obrigatório.

A DISCIPLINA MILITAR

O primeiro aspecto abordado na sua análise pelo camarada Julinho, foi a prática da disciplina no seio das Forças Armadas.

«Neste aspecto, podemos dizer que quase todo o efectivo que temos presentemente nas nossas Forças Armadas é constituído, por camaradas que vieram da luta armada, portanto, combatentes da liberdade da Pátria. Esses camaradas estão profundamente motivados pela razão da luta e, por isso mesmo, estão conscientes do seu dever para com o nosso povo, para com a nossa Pátria e para com o nosso Partido. Consequentemente, estão profundamente conscientes do sentido de disciplina.

O valor da disciplina que foi necessário observar durante o tempo da nossa luta armada, foi um factor determinante da nossa vitória. Hoje, é necessário reforçar essa prática, tendo em conta a complexidade das tarefas que agora estamos enfrentando, de acordo com o nosso objectivo de edificar umas Forças Armadas populares, fortes e poderosas. O trabalho que estamos a fazer visa a formação de uma consciência para a prática da auto-disciplina no seio das nossas

tropas. Portanto, os nossos camaradas, conscientemente, passarão a entender e a praticar essas normas de conduta que qualquer militar deve ter.

«A auto-disciplina significa a aceitação consciente das normas disciplinares e constitui uma garantia para o êxito do colectivo militar, para o cumprimento de qualquer tarefa que lhe é confiado. Podemos dizer que os nossos combatentes que estão hoje nas fileiras das Forças Armadas, têm dado as melhores provas de uma consciência extraordinária.

Não vale a pena referirmos as dificuldades e sacrifícios que, durante a fase da luta armada de libertação nacional, os nossos camaradas estoica e conscientemente suportaram, exactamente devido a essa motivação clara que lhes demos, que era a da libertação da nossa terra e do nosso povo do jugo colonial. Também nesta nova fase, continuam a dar provas desse espírito de sacrifício.

Nós sabemos quantas dificuldades temos enfrentado, juntamente com o nosso povo, nestes primeiros anos de lançamento de estruturas do nosso Estado, nos primeiros passos que estamos a dar para a construção de uma economia independente, e para a constru-



Camarada Júlio de Carvalho

ção das bases de um desenvolvimento progressivo da nossa terra. Os nossos camaradas têm acompanhado a par e passo estas situações, e têm respondido da melhor forma, sempre que um pouco mais de sacrifício é exigido ao nosso povo, para podermos fazer face às situações de emergência.

Sabemos também que, mesmo nesta fase de libertação total, várias vezes, particularmente nos primeiros anos, de 1975/76, tivemos também que fazer face a provocações de elementos inimigos, elementos mesmo traidores ao nosso povo que, através da nossa fronteira norte, tinham andado a criar instabilidade. Aí, os nossos camaradas voltaram, mais uma vez, a dar provas de total disponibilidade para o cumprimento

da sua tarefa principal, que é a da defesa da integridade territorial da nossa terra e do poder do nosso Estado. Alguns deram mesmo a vida».

«Logicamente que, quando falamos de disciplina, não queremos negar a existência de elementos negativos no nosso seio, a vários níveis, desde oficiais e chefes de secção, a soldados. Sabemos que, na nossa luta de libertação nacional, o nosso Partido, ao mesmo tempo que lutava para ser cada vez mais Partido, era também uma frente de libertação, onde estávamos a receber todos os tipos de elementos. Ainda hoje, encontramos elementos que se apresentam como militantes, mas que nem sempre têm aquele comportamento devido e exigido aos nossos militantes.

Também é normal que nas nossas Forças Armadas tenhamos elementos que, nos diversos níveis, muitas vezes não têm um comportamento conforme as suas condições, primeiramente, de combatentes da liberdade da Pátria e, em segundo lugar, de militares, aos quais é exigida uma ética coerente com as nossas Forças Armadas, que cumpriram uma tarefa tão gloriosa a favor do nosso povo».

NÃO CONFUNDIR AS FORÇAS ARMADAS COM O COMPORTAMENTO DE ALGUNS MILITARES

O camarada Júlio de Carvalho aproveitou esta oportunidade para chamar a atenção da opinião pública para que não se confundam as atitudes de certos elementos das Forças Armadas com as das Forças Armadas no seu conjunto. Esta afirmação refere-se, em particular, à agressão ao trio de arbitragem da final

Entrevista com o Comissário Político Nacional das Forças Armadas Revolucionárias do Povo
“CHEGOU O MOMENTO DE UM EXERCÍCIO DE DISCIPLINA MILITAR”

da Taça da Guiné-Bissau, entre as equipas da Udib e das FARP. O camarada comandante esclareceu-nos:

«Há, muitas vezes, uma tendência para se confundir os comportamentos individuais com as próprias Forças Armadas. Um caso destes aconteceu na final da Taça da Guiné. Nesse jogo, houve um desfecho verdadeiramente vergonhoso para o nosso desporto e para o nosso público. Nós ficamos terrivelmente chocados pelas cenas que lá se verificaram, mas, quando conseguimos detectar a presença de elementos das Forças Armadas no caso, agimos prontamente, tomando medidas convenientes, de acordo com o regulamento da disciplina militar.

Neste caso concreto, conforme conseguimos apurar, apenas três elementos das Forças Armadas que participaram directamente nos incidentes, ou então, não tiveram um comportamento correcto durante o desenrolar do encontro. Mas, aquilo que imediatamente se vê, é a presença das Forças Armadas naqueles actos.

Nós compreendemos isso, porque temos consciência de que não somos cidadãos quaisquer, que temos uma alta responsabilidade e devemos responder à alta confiança que se tem em nós, na medida em que temos as armas nas mãos e, através dessas armas, quando necessário for, devemos defender e exercer a autoridade, mas, naturalmente, ao total serviço do nosso povo, ao serviço do nosso Partido e do nosso Estado.

Infelizmente — continuou — como já dissemos, frequentemente aparecem elementos que, pela sua conduta, pelo seu comportamento, mancham, de facto, o nome das nossas Forças Armadas. No entanto, aqui, mais uma vez queremos fazer um apelo ao nosso público, para não julgarem as Forças Armadas pelas atitudes de alguns dos seus elementos».

Falando ainda deste acontecimento, o camarada Júlio de Carvalho disse, que se houve dizer por aí: «viram como é que as Forças Armadas se comportaram no campo, as atitudes que tiveram para com a equipa de arbitragem e com outras pessoas...» em vez de se ouvir falar da atitude de tal ou qual elemento das Forças Armadas, o que seria mais correcto. Este aspecto merece ser sublinhado por-

que, o mesmo problema não se põe quando confundimos o comportamento de um membro do Governo com o do Governo, quando confundimos a atitude de um militante com o do Partido.

Conclui o nosso entrevistado: «Uma instituição, uma escola, e outros elementos ou pessoas integram. Não que de maneira alguma não tenham as responsabilidades porque somos os responsáveis pela educação, formação, pela orientação e direcção desses elementos. Mas é necessário também que as massas saibam distinguir estes dois aspectos».

FORMAÇÃO DE QUADROS

«No nosso Estado, temos um departamento que se encarrega, exactamente, deste problema de movimentação e formação de quadros. Mas aqui, fundamentalmente, neste aspecto de formação de quadros. A política traçamos para fazer face a esta necessidade, é suprir a nossa falta de quadros, nas mais diversas actividades, com os próprios recursos, que, essencialmente, são os camaradas que estão, conscientemente, nas nossas Forças Armadas, camaradas combatentes da liberdade da Pátria».

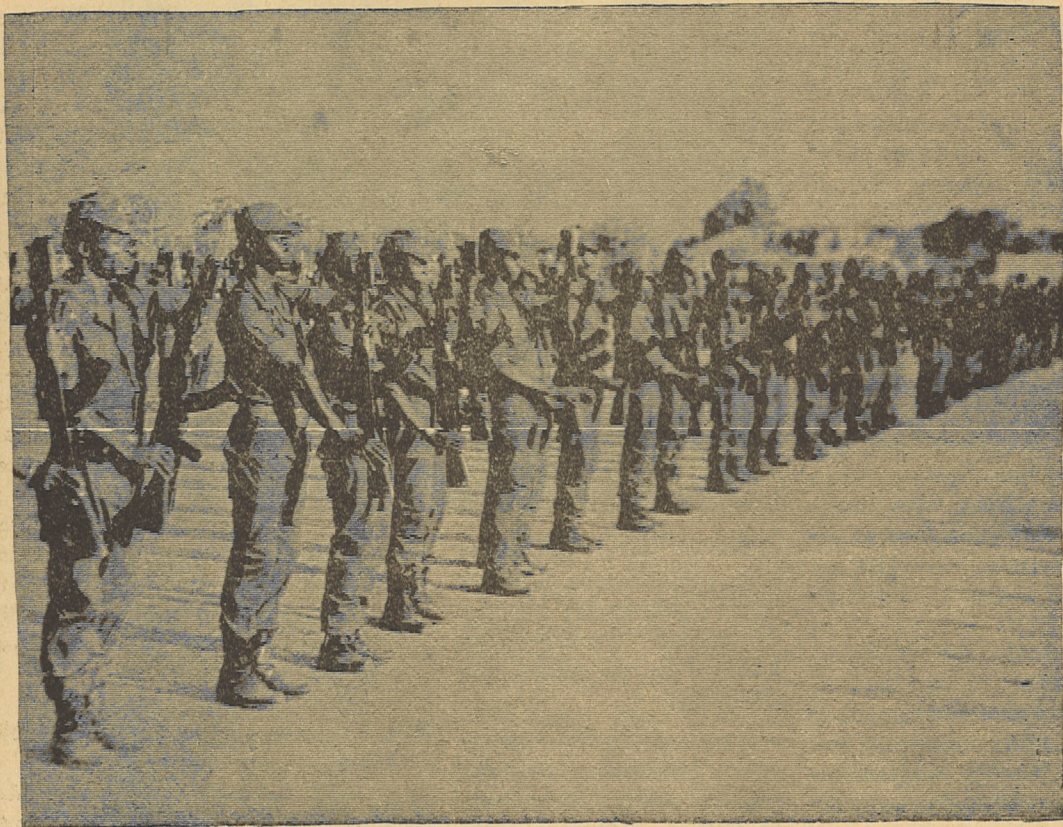
«Claro que isso é um desafio enorme, particularmente se virmos o problema desde o ponto de vista escolar. Temos que chegar a altura após a libertação, em que a maioria dos nossos combatentes era analphabeta com o nível que conseguimos atingir hoje. Certo, dos nossos camaradas saíram por escolas de formação técnico-militar, mas o mesmo é válido para a formação política, em diversos níveis, quer dizer a níveis dependentes a cursos superiores de guerra, de preparação de cursos militares no interior do país, como no exterior, países amigos.

Dediiamos a este aspecto de formação de quadros uma atenção muito particular, na medida em que temos também direções já dadas pelo nosso Partido e Estado neste sentido para compensar, provavelmente, a redução efectiva nas nossas Forças Armadas, com o aumento qualitativo em técnicos».



Político Nacional das FARP (conclusão)

UMENTO DE LANÇAR AS BASES D O REGULAR MODERNO"



armamento e, naturalmen-
te, com a superação constan-
te dos nossos comba-
tentes.

Essas directivas são as
da construção de um exér-
cito regular moderno, bem
equipado e forte, com qua-
dros de formação poliva-
lente que serão capazes,
em caso de necessidade, de
enfrentar qualquer situa-
ção crítica na nossa terra e,
ao mesmo tempo, de poder
abrir, alargar e receber,
imediatamente, no seu seio,
o número de combatentes
que fôr necessário, de du-
plicar ou triplicar, no ime-
diato, o seu efectivo. Por-
tanto, o nosso objectivo é

de construir uma Forças Ar-
madas de quadros».

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO

Neste último capítulo da
nossa entrevista, o camar-
ada Julinho debruça-se
sobre a importante ques-
tão do serviço militar obr-
igatório, afirmou:

«Foi claramente definido
no III Congresso do nosso
Partido que a nossa defe-
sa deve ser, como o foi na
fase da luta armada de li-
bertação nacional, uma de-
fesa popular, quer dizer,
que temos que preparar to-
do o nosso povo para, na

eventualidade de sermos
agredidos, haver uma resis-
tência popular generaliza-
da. Naturalmente que isso
reforça ainda mais a neces-
sidade de existência de
Forças Armadas, como
vanguarda e como força de
choque principal».

«Mas isso não é suficien-
te — observou o Comissá-
rio Político das FARP —
As Forças Armadas têm
que ser apoiadas pelas
massas, mesmo pela totali-
dade do nosso povo, para
podermos fazer face a si-
tuações de emergência. na
defesa do nosso território.
Isso só é possível, naquilo
que está directamente liga-
do às Forças Armadas, com

«As Forças Armadas saíram do Partido, quer dizer, nas-
ceram do Partido, como um instrumento, para dar tiros
nos tucas, para atacar os tucas, pô-los fora da nossa
terra e para defender a vida do nosso povo. O Partido
e as Forças Armadas são um só. As Forças Armadas
são um braço do Partido. Um braço para dar nos tucas
e todos os inimigos armados do nosso povo, outro para
construir a nossa terra. Quem vem, com manias de mil-
itarismo ou coisa que valha, está perdido no nosso Par-
tido». — AMÍLCAR CABRAL.

a aplicação de uma políti-
ca de serviço militar obr-
igatório. Quer dizer, todos
os cidadãos que estiverem
dentro das exgências que,
no devido tempo, serão de-
finidas, devem estar prepa-
rados para fazer o serviço
militar.

Claro que pode perguntar
porque é que, até este mo-
mento, ainda não institu-
mos o serviço militar obr-
igatório. Não o fizemos, por-
que temos uma herança de
luta que são estas nossas
Forças Armadas. É eviden-
te que temos que procurar
conservar, em primeiro lu-
gar, aqueles combatentes
que fizeram a luta armada,
como garantia de seguran-
ça destes primeiros passos
que demos para a estru-
turação forte do nosso Es-
tado, e lançamento de ba-
ses seguras e sérias para o
nosso desenvolvimento. Es-
tes combatentes que fize-

ram a luta armada, já de-
ram provas, e têm toda a
confiança do nosso Partido.
São eles logicamente, que
se encontram mais bem si-
tuados para dar continui-
dade à nossa luta, defen-
dendo as nossas fronteiras
e as nossas conquistas,
nesta primeira fase.

Em segundo lugar, tam-
bém porque, durante a fr-
se de luta armada, o nosso
exército engrossava cada
dia mais. E era até palavra
de ordem abrir as fileiras
do nosso exército a todos
os que quisessem ingres-
sar nele, para que pudesse-
mos fazer face à presença
militar colonial na nossa
terra. De facto, nós chegá-
mos ao fim da nossa luta
armada com um exército
extraordinariamente num-
roso, relativamente à capa-
cidade da nossa terra que
é pequena e com uma po-
pulação reduzida».

A incorporação nas nos-
sas Forças Armadas deve
seguir o ritmo de so-
lução dos problemas de
desmobilização. Quer dizer
que, na mesma medida que
formos procedendo à des-
mobilização, progressiva-
mente, e de acordo com
aquele efectivo que deve-
mos ter, iremos fazendo a
incorporação no serviço
militar obrigatório. Mas te-
mos que fazê-lo tendo em
conta todas as garantias
que as nossas Forças Ar-
madas têm que dar ao nos-
so Estado e ao nosso Parti-
do, no sentido de lançar
profundamente as suas ra-
zes no seio das massas po-
pulares.

«É evidente que não era
possível ao nosso Estado
suportar esse peso e, nesta
base, procedemos a suces-
sivas desmobilizações. Até
hoje, este problema da
desmobilização é uma preo-
cupação do nosso Estado
e do nosso Partido, para
a redução das nossas For-
ças Armadas. Temos que
as reduzir a uma dimensão
em que o nosso Estado
possa suportar complet-
mente os seus encargos,
conjuntamente com o apoio
que recebemos dos amigos
que tradicionalmente nos
ajudam».

«Por isso é que não in-
ciamos ainda o serviço mi-
litar obrigatório, contraria-
mente a Cabo Verde, onde
este serviço já se iniciou.
Mas Cabo Verde não teve
uma luta armada de libe-
ertação nacional, portanto
não herdou um exército de
guerrilha, uma força arma-
da. Recebeu apenas os qua-
dros, que fizeram a luta in-
tegrados nas nossas Forças
Armadas, e que foram des-
tacados depois para novas
funções em Cabo Verde,
exactamente para a criação
organização e estruturação
de um exército. Por isso, t-
nham exactamente que co-
meçar pe'o serviço militar
obrigatório».

A finalizar esta entrevis-
ta, o camarada Júlio d
Carvalho afirmou:

«Nós temos estado já
pensar na apresentação d
um projecto de lei, ta've
até ao fim deste ano,
qual deve definir e fixar o
princípios que deverão re-
ger esse serviço militar
obrogatório. No entanto, p-
ra além dessa lei devemos
falar ainda sobre a polític
de incorporação. Uma co-
sa é a lei sobre o serviç
militar obrigatório, out-
coisa é a incorporação, qu
é a fase seguinte por qu
passaremos».

CHE: UMA VIDA DE LUTA SEM CANSAÇO NEM MEDO

Se hoje ainda vivesse, Ché Guevara de certeza que veria o seu 50.º aniversário com a ironia que lhe era característica. Para quem o conhecia, resulta difícil imaginá-lo idoso ou mesmo velho. Ele incarnava a juventude, valente, intrépida, ansiosa de heroísmo, de façanhas. Não tolerava frases pretenciosas, poses, narcisismos ou pavoneios. Ironicamente, chamava «revolucionários de café» aos conversadores a quem agradava divagar sobre a revolução sem a ter vivido. Para ele, homem de verdade era o participante activo na luta, na construção da nova sociedade.

Ernesto Guevara de la Serna nasceu a 14 de Junho de 1928 na cidade de Rosário, República da Argentina, de uma família abastada, descendente dos combatentes pela independência, nos começos do século XIX.

Aos dois anos de idade, caiu gravemente doente de asma, que se tornaria crónica. A enfermidade obrigou Ernesto a estudar em casa durante alguns anos; isto despertou nele uma grande afeição pela leitura. Os seus pais possuíam uma excelente biblioteca, que crescia sem cessar graças aos desvelos da mãe, dona Célia. Ali havia obras de clássicos, livros de história, filosofia, psicologia e arte, literatura contemporânea.

Ernesto cresceu no meio de paixões políticas. Os seus pais eram simpatizantes da casa republicana nos anos da guerra civil de Espanha, odiando o fascismo. Durante a segunda guerra mundial apoiaram a coligação antihitleriana.

Depois de estudar num colégio da cidade de Córdoba, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Ele próprio custeou os seus estudos já que a situação económica dos seus pais não era próspera e tinham que sustentar outros quatro filhos.

Em 1951 aceitou o convite de um amigo, Alberto Granados, jovem médico especializado no tratamento da lepra, para realizar uma viagem de moto por países do continente, viagem que se prolongou por mais de seis meses. Os dois amigos financiaram a viagem realizando trabalhos eventuais.

A viagem foi uma importante etapa para a formação de Guevara como homem e revolucionário. Conheceu a miséria e o atraso de vida de muita gente, implacavelmente explorada pelas burguesias nacionais e pelos monopólios estrangeiros.

Em 1953, depois de se ter formado, Ernesto tornou a deixar a sua Pátria. Apesar da meta da viagem de Guevara, que na altura tinha 24 anos, ter sido a Venezuela, onde Alberto Granados trabalhava já numa leprosaria, ele visitou a Bolívia.

Que é que o atraía a este país, Na Bolívia, habitada principalmente por índios, viviam-se naqueles anos importantes transformações sociais. Os golpes de Estado eram ali tão frequentes como os terremotos. Em Abril de 1952 tinha-se registado o 179.º golpe, desde o último quarto do século passado. Mas, desta vez o governo nacionalizara as minas de estanho, principal riqueza do país, levava a cabo uma

reforma agrária e formara uma milícia armada de mineiros e camponeses.

Guevara esteve na Bolívia alguns meses, visitando-a de léis-a-lés. Trabalhou na direcção da Reforma Agrária, e ali se pôde convencer de que as medidas aplicadas pelas novas autoridades tinham apenas transformado a fachada da vida dos índios que continuavam a viver na miséria. Guevara abandonou a Bolívia com a ideia de que outras forças deveriam aprofundar a revolução. Poderia ele imaginar então que doze anos mais tarde voltaria ali para encabeçar um destacamento guerrilheiro?...

Guevara dirigiu-se então à Guatemala. Os seus planos iniciais tinham-se modificado. A estada na Bolívia tinha avivado o seu interesse pela política. A Guatemala, naqueles anos, era outro centro nevrálgico da América Latina. O coronel Jacobo Arbenz, chefe de Estado, seguia uma política interna e externa de independência, orientação que encolerizava os imperialistas.

Continuando o seu caminho, na Costa Rica, Guevara encontrou-se pela primeira vez com revolucionários cubanos que lhe narraram o heróico assalto ao quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, realizado por Fidel Castro e seus companheiros. Quando bandos de mercenários invadiram a Guatemala, Guevara participou na resistência armada. Os mercenários derrubaram o regime de Arbenz e Ernesto, a muito custo, conseguiu passar para o México. Apesar da democracia da Guatemala ter sofrido uma der-

rota, o jovem sentia-se optimista. Pela primeira vez vira os trabalhadores empunharem as armas e pensava que se o povo podia combater, também podia vencer.

Ao encontrar, em 1955, emigrados políticos cubanos que já conhecia, Ernesto entusiasmou-se quando lhe disseram estar a preparar uma expedição libertadora da sua pátria. Apresentaram-no a Fidel Castro. Conversaram durante toda a noite. «E, ao amanhecer já era o médico da sua futura expedição», escreveu posteriormente Guevara, a partir de então Che.

A 25 de Novembro de 1956, 82 insurretos, incluindo Che Guevara, deixaram o porto mexicano de Tpan no iate «Granma» e rumaram para Cuba. A sorte estava lançada: aos valentes esperava a morte ou a vitória.

Na guerra que começaria a partir de Sierra Maestra, Che teve uma activa participação. Não descurava nenhuma tarefa, cumpria todas as ordens exacta, rápida e habilmente. Explorava, combatia (foi ferido por duas vezes), era médico dos outros combatentes e aos camponeses que os ajudavam ele ensinava a ler, organizava oficinas de reparação de armas e de confecção de uniformes e editava o jornal dos rebeldes. Mas o principal era o que ele próprio aprendia, estudando a vida dos camponeses, a arte militar e a história de Cuba. Aprendia também a conhecer gentes, a descobrir as suas possibilidades e a apreciar as suas virtudes. Conservava-se sereno nas circunstâncias mais



difíceis e não se deixava levar por excessos de entusiasmo quando das vitórias. O idealista tornou-se um lúcido e sereno soldado da revolução.

Depois de várias operações vitoriosas dirigidas por Che contra o exército de Batista, ganhou o posto de comandante, o mais alto posto militar entre os rebeldes, e Fidel Castro confiou-lhe o comando da Coluna 8, Ciro Redondo. A ordem era empreender a marcha a partir das altitudes de Sierra Maestra até à parte central do maciço montanhoso de Escambray na província de Las Villas, para ali abrir outra frente revolucionária, o que viria a conseguir. Nos finais de 1958, iniciou-se a ofensiva geral e, a 1 de Janeiro do ano seguinte o ditador e os seus sequazes fugiam. No dia seguinte o exército en-

cabeçado por Che entrava em Havana, acolhido fervorosamente pela população.

Em Abril de 1965, Che deixou de aparecer em público. Mais tarde a Fidel Castro revelou uma carta do Che, em que este renunciava a todos os seus cargos no partido e no governo e também à cidadania cubana. Salientava que agia assim porque tinha o propósito de se consagrar à luta revolucionária em outros países que necessitavam do que chamava a sua modesta ajuda. Pensava primeiro na Bolívia, Guevara encabeçou ali uma guerra de guerrilhas. Mas, após vários combates, o seu destacamento foi cercado e aniquilado. Che, gravemente ferido, caiu prisioneiro e, no dia seguinte, 9 de Outubro de 1967, foi barbaramente assassinado por agentes do Imperialismo. Tinha 39 anos...

Desporto

UDAK-Bôna Gosta decidem hoje o título

O campeonato de defeso de Bandim — 2, que ao longo de vários meses vem decorrendo no estádio «Cacomma», terminará amanhã, ao ser disputada a quinta jornada de segunda volta.

Esta jornada é esperada com grande expectativa no meio futebolístico do bairro, porque o jogo que será disputada hoje, às 17 horas, entre as formações da UDAK e do Bôna Gosta ditará o campeão do bairro. Amanhã, às oito horas, defrontar-se-ão Pamparida e Djorçon. A tarde teremos um encontro entre Djagras e Pulgas.

O campeonato nacional de futebol começa no próximo fim-de-semana

O novo Campeonato Nacional de Futebol da época de 1978/79, terá início no próximo fim-de-semana. Tomam parte neste Campeonato, as mesmas 16 formações da época passa-

da: Udib, Sporting de Bissau, Benfica, Sporting de Bafatá, Ténis Clube, Farim, Balantas, Tombali, Ajuda Sport, Gabú, Bula, Bolama, Cantchungo, Bissorã, FARP e Buba. Seis são de Bissau

e 10 do interior do país. O calendário, em vigor, só será alterado se a Federação, no interesse da prova, e após ter escutado os interessados, assim o julgar conveniente.

Anúncio

CONCURSO

Está aberta na CICER, concurso externo de provas práticas e teóricas, para provimento de uma vaga de BOBINADOR.

- Possuir Ciclo Preparatório.
- Experiência de Bobinagem.

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA:

- Conhecimento de Electricidade Geral.

O vencimento mensal será durante o período de estágio de 4 500,00 PG.

Os interessados deverão entregar na Secção de Pessoal, carta manuscrita dirigida à Direcção Geral, até ao dia 12 de Outubro.

AVISO

A Companhia de Electricidade e Água de Bissau — CEABIS, volta a avisar os consumidores que ainda não pagaram os saldos referentes ao ano 1977, que

podem fazê-lo no prazo de cinco dias a contar da data da publicação deste aviso, fora do qual lhes será interrompido o fornecimento da luz e água.

Para aqueles que normalmente pagam as suas contas durante o ano de 78, a CEABIS chama a atenção de que se o fornecimento de luz e água continua a ser-lhe interrompido, isso deve-se ao facto de ainda terem em atraso as contas do ano passado.

Farmacias

HOJE — «Moderna» — Rua 12 de Setembro — Telefone 2702

AMANHÃ — «Central» — Rua Vitorino Costa — Telefone 2453

SEGUNDA-FEIRA — «Farmedi N.º 2» — Bairro de Belém — Telefone 3437

Cinema

SOIARÉ — às 20.45 horas — FESTAC 77
MATINÉ — Um filme chinês para as crianças
SEGUNDA-FEIRA — Soiaré — «Os ciganos partem para o Céu» — às 20.45 horas

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.

POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.
CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto /4 — TAP 3991/3 — LIA 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.

Chegadas e partidas de navios — 2922/5.

COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS
Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411;
fone 2414 (7 à 1h).

Brigada da Assistência aos Consumidores — Telefone 16.30 horas — Desafio de pares.
fone 2414 (7 à 1h).

México
Campanha
contra
o tráfico
de drogas

MEXICO, 5 — O ministério mexicano da Justiça leva a cabo uma vastíssima campanha de luta contra o tráfico de drogas, denominada «operação Condor», na qual participam três mil soldados e se investiu 70 a 80 por cento do orçamento global do ministério.

Não se sabe ao certo qual a extensão de terras utilizadas neste país à cultura de estupefacientes. Oficialmente, anunciou-se que nos últimos 18 meses o exército destruiu cerca de 20 mil hectares de plantações «malditas».

Desde que começaram as operações, há 18 meses, os militares conseguiram apurar 600 toneladas de marijuana, 85 libras de ópio, 65 de heroína e 25 de cocaína. Segundo os especialistas, o seu valor no mercado negro ascende a 500 milhões de dólares.

Nestes números não estão incluídos com os milhões de pílulas tóxicas descobertas em refúgios, camiões, pequenos aviões ou em maletas de falsos turistas que chegam ao México. O jornal local em língua inglesa, «The News», afirmou recentemente que, nos últimos meses, as autoridades mexicanas prenderam seis mil traficantes de droga, entre os quais cem cidadãos norte-americanos. — (FP)

Exploração intensiva e ilegal dos recursos mineiros da Namíbia pela África do Sul denunciada por um relatório da Commonwealth

LONDRES — A África do Sul explora ilegalmente e o mais depressa possível os recursos minerais namibianos apenas para fins económicos, acusou na quarta-feira um relatório sobre a indústria mineira da Namíbia, publicado pelo secretariado da «Commonwealth».

O relatório sublinhou que a Namíbia tornou-se o quarto produtor mineiro de África, depois da África do Sul, do Zaire e da Zâmbia e o quinto produtor mundial de urânio depois dos Estados Unidos, da União Soviética, do Canadá e da África do Sul, mas advertiu que os jazigos estão ameaçados de esgotamento rápido, quando a Namíbia depende da exploração mineira para cobrir a terça parte do seu produto nacional bruto.

Os seus jazigos de diamante, excepcionalmente ricos em gemas (apenas dois por cento da produção são pedras industriais) correm o risco de serem esgotados daqui à 15 anos se continuar o actual ritmo de produção. O rendimento do grande filão metalífero de Tsumeb (cobre, chumbo e prata) também diminui rapidamente.

No que respeita ao urânio (cuja importância estratégica foi sublinhada pelo relatório), a exploração da importante mina de Rossing pelo grupo «Rio Tinto-Zinco» só começou por volta de 1974 e a sua produção (3.042 toneladas em 1977, comparada com a produção sul-africana de 3.500 toneladas) só deve atingir o máximo previsto de 5 mil toneladas em 1979.



Mina de Rossing — a maior de África a céu aberto pertence totalmente a companhias estrangeiras que a exploram em benefício do desenvolvimento nuclear dos racistas sul-africanos e de outros países

Esta mina tornará portanto uma importante fonte de rendimentos para o eventual Estado independente.

O relatório sublinhou também que se prospeção petrolífera iniciada há dez anos, não deu até então resultados positivos os geólogos pensam consideram que há boas hipóteses de se descobrirem jazigos, nomeadamente «off shore» diante da embocadura do rio Cunene e ao largo do porto de Walvis Bay. Embora a Namíbia não produza hulha, existe um jazigo no norte do país. O relatório prevê também que a Namíbia dependerá muito

menos da África do Sul para o abastecimento energético quando a barragem hidroelétrica de Cunene estiver em pleno funcionamento (240 megawts). O relatório precisou que a Namíbia possui também jazigos de cádmio, tungsténio, vanádio, lítio, manganés, feldespato, minério de ferro, mármore e diversas pedras semi-preciosas.

Estando as explorações estreitamente ligadas à África do Sul, o relatório prevê que a ruptura dos laços será um dos problemas mais complexos que o governo da Namíbia terá que defrontar quando o país for independente. (FP)



«Só para brancos» o regime do apartheid levado para Namíbia

Prémio Nobel da literatura de 1978
Para Isaac B. Singer

ESTOCOLMO 5 — O prémio Nobel de literatura de 1978, foi atribuído ao escritor polaco residente nos Estados Unidos, Isaac Bashevis Singer. A academia sueca, júri do prémio Nobel, quiz deste modo recompensar este escritor pela sua arte narrativa cheia de paixão, inspirada numa tradição cultural judaico-polonesa, que incarna e personifica a condição humana universal.

A designação de Isaac Bashevis Singer como laureado do prémio Nobel da literatura deste ano, causou grande surpresa em Estocolmo, onde o seu nome nunca figurou até à data na lista dos candidatos.

Pelo segundo ano consecuti-

vo, os académicos suecos escolhem um escritor pouco conhecido, do grande público, mas cuja notoriedade nos círculos literários é grande. Em 1977, o prémio foi atribuído ao poeta espanhol Vicente Aleixandre, quando o romancista inglês Graham Greene era citado como favorito.

Bashevis Singer é o terceiro escritor polaco a receber o prémio Nobel: Henryk Sievpcwicz obteve-o em 1905 e Vladislav Revmont em 1924. A montante do prémio é de 725 coroas e será entregue ao laureado, ao mesmo tempo que os outros prémios Nobel, a 10 de Dezembro, dia do aniversário da morte de Alfred Nobel, cientista sueco que instituiu o prémio. — (FP)

A ordem económica internacional

LIMA — Os países em vias de desenvolvimento, possuem 80 por cento das matérias-primas do mundo das quais depende a indústria dos países industrializados. Paralelamente, 30 por cento da população mundial — a parte que vive nos países industrializados — dispõe de 70 por cento do rendimento total mundial.

Estes dados foram fornecidos pelo dr. Isaias Gomez

Linares, director do Centro de Informação da ONU no desenvolvimento económico internacional, durante um seminário consagrado ao estudo da ordem económica internacional, organizado em Arequipa, uma cidade do Peru.

Este funcionário das Nações Unidas indicou também que mais de 400 biliões de dólares são gastos, em cada ano, no mundo, na compra de armas, enquanto que as

dívidas dos países em vias de desenvolvimento atinge quase 200 biliões de dólares.

Tendo em conta esta situação, afirmou Gomez Linares, é indispensável estabelecer-se uma nova ordem económica internacional, baseada no respeito da soberania dos Estados e na igualdade no tratamento. (Tanjung)

Moçambique:
Escola de quadros militares

MAPUTO 3 — Segundo o jornal «Notícias», uma escola moçambicana de quadros militares, a primeira escola superior criada em Moçambique depois da independência, foi inaugurada anteontem no Maputo.

O presidente de Moçambique, Samora Machel declarou durante a cerimónia

que esta escola é o produto da nova tarefa da etapa actual e que o seu objectivo é defender a integridade territorial do país e as conquistas da revolução. Esta escola tem capacidade para acolher mil cadetes e formará oficiais para a defesa e segurança do país. Eles terão aulas militares, políti-

cas Científicas, e ideológicas.

Estiveram presente à cerimónia de inauguração os membros do governo, oficiais superiores das Forças Populares de Libertação de Moçambique FPLM e o primeiro grupo de 500 cadetes. (Nova China).

NAIROBI 5 — O número de refugiados em África aumentou de 400 mil, em 1964, para três milhões este ano, declarou anteontem na capital queniana um responsável do Conselho das Igrejas de toda a África (CETA-AACC). Ovelaku Kife, secretário da organização da CETA-AACC, anunciou que a sua organização está preparando para Maio do próximo ano em Arusha (Tanzânia) uma conferência para examinar a situação destes refugiados. (FP)

COOPERATIVAS DE CONSUMO NA ETIÓPIA

ADDIS ABEBA — Centenas de cooperativas de consumo foram organizadas na província etíope de Gemu-Gofa, sob o poder popular. As cooperativas agrupam 250 mil camponeses que são auxiliados pelo Estado. As cooperativas de consumo, assim como as de produção, são uma nova forma de união do campesinato etíope que se tornou proprietário da terra a seguir às reformas revolucionárias efectuadas na Etiópia. (Tass)

MANIFESTAÇÕES NA GUATEMALA

GUATEMALA 5 — Nove mortos, mais de 250 pessoas feridas ou presas, tal é o balanço da repressão política das manifestações populares contra o aumento do custo das tarifas de transportes urbanos, que se registaram de segunda a quarta-feira na Guatemala. Entre as pessoas presas figuram, segundo os jornais, dirigentes estudantes e o chefe do sindicato dos trabalhadores do sector público. Este sindicato ameaçou desencadear uma greve geral no país. (FP)

CONTRATO INDIA-NIGÉRIA

NOVA DELI 5 — A Índia acaba de concluir um contrato de grande importância no valor de 25 milhões de dólares para a administração dos caminhos de ferro nigerianos. O contrato foi ganho em concorrência com a Hungria. A administração dos caminhos de ferro nigerianos será realizada por 435 peritos, incluindo um director-geral e cinco directores-gerais adjuntos, e ainda 25 técnicos, conforme estipula o contrato que foi assinado anteontem em Lagos.

RDA 29 anos depois

Em 1945 e mais tarde, os economistas burgueses estavam de acordo neste sentido: a então zona de ocupação soviética, o território da actual da R.D.A., não tinha hipóteses reais de desenvolvimento económico.

O quadro que se apre-

ainda ardiam restos de incêndios, e nas ruínas negras e fumegantes grupos de pessoas vasculhavam os escombros à procura do cadáveres. Tanques demolidos, canhões anti-aéreos derrubados e carros de combate queimados facha-

terminar a guerra fascista, voltada ao seu lugar de partida. O actual território da RDA tinha sido particularmente atingido pelas destruições. 45 por cento das indústrias, 70 por cento da capacidade das centrais eléctricas, 50 por cento das habitações urbanas e 30 por cento das máquinas agrícolas tinham sido destruídas ou gravemente danificadas.

No anos 50 a RDA iniciava a via do socialismo. Os trabalhadores, empenhados num esforço imenso, levantavam a economia nacional e começavam a desenvolver a planificadamente e nas devidas proporções.

As concepções fundamentais bem como os respectivos passos para a sua concretização foram delineados pelo Partido Socialista Unificado da Alemanha (P.S.U.A.), criado em 1946 pela



Erich Honecker — Secretário-Geral do P.S.U.A.

unção de comunistas e social-democratas.

UNIDADE POLÍTICA E ECONÓMICA E SOCIAL

Com trabalho garantido, o cidadão da RDA vê os crescentes vencimentos do seu trabalho não serem desvalorizados por aumentos de

preços e inflação. Há mais de dez anos que os preços para o consumidor se mantêm estáveis, bem como as rendas de casa e as tarifas dos transportes há mais de 30 anos.

Amplas perspectivas de instrução e de educação se abrem ao trabalhador não dependendo da sua fortuna. Para todo o jovem que

deixa a escola obrigatória de dez anos, há a garantia de uma aprendizagem e, depois de formado, um emprego.

Poder-se-ia acrescentar que a agricultura, na RDA, cobre 90 por cento das necessidades nacionais.

O actual plano quinquenal de 1976-1980 visa um melhoramento das condições habitacionais para mais de 2,2 milhões de pessoas pela construção e modernização de 750 mil apartamentos; aumentos de salário e pensão de reforma para 5,6 milhões de pessoas, a instrução de salários-base mais altos para 1,5 milhões de operários; a partir de Maio de 1977 diminuição para 40 horas do tempo de trabalho para mais de 1,5 milhões de trabalhadores, isto é, para operários que trabalham em três turnos e para mães com dois filhos.

— Os cidadãos da R.D.A. podem orgulhar-se daquilo que já alcançaram dentro de uma total segurança social.

A República Democrática Alemã, com capital em Berlim, tem uma superfície de 108 178 km², e uma população de 17 170 000 (1974) habitantes. Situada no centro-norte europeu, é limitada ao norte pelo mar Báltico, a este pela Polónia, a sudeste pela Tchecoslováquia e a sudoeste e oeste pela República Federal Alemã.

Erich Honecker, é o presidente do Conselho de Estado da RDA e secretário-geral do partido dirigente, o PSUA.

A 7 de Outubro de 1949, constituiu-se em Berlim, o Conselho do Povo Alemão — órgão dirigente do movimento do Congresso do Povo — para a Câmara Provisória do Povo da República Democrática Alemã, o qual pôs em vigor a Constituição, aprovada após ampla discussão popular. Wilhelm Pieck, prestigiado dirigente operário, foi eleito presidente de Estado.

sentava na actual capital da R.D.A. em Maio de 1945, no fim da guerra, após a libertação, é descrito pelo escritor Willi Bredel no seu livro «um novo Capítulo»:

«A vida tinha parado como o pêndulo de um relógio destruído. O fogo ainda se arrastava; das ruínas vinha um cheiro de incêndio. Sobre Berlim estendia-se o silêncio de um cemitério. Nas casas destruídas, onde

vam as ruas, semeadas de capacetes, máscaras de gás, pedaços da uniformes e armas de mão jogados fora durante a fuga. Pedacos de fios dos eléctricos pendiam sobre as ruas...»

Era este o quadro em muitas cidades alemãs ao

Proposta de orçamento da SIDA

(Continuação da 1.ª página)

bwé, aos quais será atribuída uma verba de 120 milhões de coroas, contra 85 no ano passado. No preâmbulo da proposta, aponta-se ainda a possibilidade de aumentar substancialmente este auxílio no caso de a Namíbia e o Zimbábue ascenderem à independência durante este período.

Também a assistência humanitária aos refugiados dos regimes fascistas da

América Latina será aumentada substancialmente, na proporção do alarmante aumento de repressão nessa região mártir.

Recordamos que o auxílio sueco fornecido ao nosso país durante os dois últimos anos tem sido de valor equivalente ao do conjunto das nossas exportações. Este dado qualifica bem dimensão da solidariedade daquele país amigo para com a nossa luta, solidariedade essa que data já dos

anos mais difíceis da guerra de libertação.

CRESCE O INTERESSE NORUEGUÊS PELA COOPERAÇÃO

Segundo os resultados de um inquérito à opinião pública recentemente realizado pelo Instituto Nacional de Estatística da Noruega, o programa governamental de Cooperação com os países em desenvol-

vimento está a merecer a crescente simpatia do povo, daquele país. 80 por cento dos inquiridos afirmaram apoiar o auxílio ao Terceiro Mundo (em 74, só 73% haviam respondido afirmativamente), 12% manifestaram-se contra, e 8 por cento não deram resposta.

O orçamento da cooperação norueguesa para 1978 foi de 2.200 milhões de coroas norueguesas (cerca de 1.900 milhões de pesos).

Eliminado o analfabetismo no seio das FARP

(Continuação da 1.ª página)

significado no seio das nossas Forças Armadas, se começou no ano de 1975, em cada Unidade, em cada companhia, em cada pelotão, em cada lugar onde existia um combatente, cujas vitórias foram largamente celebradas na manhã ontem, numa cerimónia realizada no salão do cinema da Base Aérea, que assinalou o final do 3.º ano escolar das FARP depois da conquista total da nossa independência.

Esta cerimónia, que contou com as presenças dos camaradas Otto Schart, membro do CEL do Partido e Secretário do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC, Júlio César de Carvalho (Julinho), do CSL e Comissário Político Nacional das FARP, Mário Cabral — Comissário de Estado da Educação Nacional, dr. Manuel Boal, Secretário-Geral do Comissariado de Estado da Saúde e Assunto Sociais, e vários outros membros do Estado-Maior General das FARP e do Governo, foi presidida pelo camarada Joãozinho Ialá, chefe da Comissão Política das FARP.

Agravou-se o conflito libanês

(Continuação da 1.ª página)

se desde 5.ª-feira aos bairros de Shyah, Ain al Rumannah, Hadas e de Baabdah. Muitos deles estão sem electricidade, sem água e sem comunicação telefónica. Os produtos alimentares escasseiam na capital libanesa, onde a maioria dos habitantes vive nos subterrâneos com receio de serem atingidos pelos franco-atiradores. Os hospitais estão superlotados.

Informações alarmantes chegam do sul do país onde as forças reaccionárias libanesas procuram provocar um novo conflito armado. Nabatieh e as regiões circundantes foram bombardeados com artilharia pesada. Saad Haddad, comandante do dito «exercito de libertação do sul libanês» (fascistas cristãos) ameaçou lançar operações armadas

contra a força provisória da ONU se os tiros contra os cristãos não pararem em Beirute.

Os observadores libaneses consideram que o aumento de tensão no Líbano está ligado às tentativas da direita de conseguir a evacuação das Forças Árabes de Dissuasão do país, para poderem estabelecer o seu controle em todo o território ou pelo menos dividi-lo com a ajuda de Israel.

Para o jornal do Koweit, «Al-Qabbas», os bombardeamentos desencadeados no sábado passado pela direita libanesa eram uma cobertura de uma operação militar que visava o ataque ao palácio presidencial, para obrigar o presidente Sarkis a demitir-se e levar Camille Chamou, chefe do Partido Nacional Libanês (fascista) ao poder. Segundo o «Al-Qabbas» o golpe falhou.

Por seu lado, Yasser Arafat, presidente da OLP qualificou os acontecimentos Líbano de «conspiração sionista-isolacionista destinada a estabelecer um novo Estado racista na região». Arafat advertiu os Estados árabes contra «a extrema gravidade da situação do Líbano», pedindo-lhes para «fazerem face a esta nova realidade a fim de anular as investidas americanas».

Perante a evidente agravamento da situação, o secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, enviou o príncipe Sarriddin Agha Khan, antigo Alto Comissário para os Refugiados, para Beirute a fim de tentar obter o cessar-fogo. Também o presidente americano Carter interessou-se pelo problema, para cuja solução temporária, pretende convocar o Conselho de Segurança. Reunião desde quarta-feira, o

conselho de ministro libaneses rejeitou a proposta francesa de cessar-fogo, considerando que ela é impossível de aplicar.

Fonte bem informada em Beirute indicaram que as autoridades libanesas teriam dado preferência a um plano saudokoweitiano que prevê uma reunião da Arábia Saudita, do Koweit, do Líbano e da Síria na presença de diplomatas franceses que teriam um papel catalizador devido as suas boas relações com todas as partes.

Todavia, este plano teria de imediato o objectivo de parar os combates e não o de encontrar uma solução global da crise libanesa.

No entanto, a maioria dos observadores sublinha a estreita ligação entre a crise libanesa (manifestação evidente do conflito do Próximo-Oriente) e o impasse em que se encontra a iniciativa americano-israelo-

-egípcia de Camp David. Círculos da ONU são da opinião que o agravamento da situação política do Líbano seguida aos resultados da iniciativa separada de Camp David, o que aliás foi reconhecido por D. Middleton, comentador militar do jornal «New York Times» que, referindo-se às fontes próximas dos governos britânicos e francês, escreveu ontem que a recusa dos participantes no encontro de Camp David de resolver o problema palestino foi um dos principais factores que provocaram o recomeço dos combates no Líbano.

Há muitas razões para se crer que Israel e certos países procuram aproveitar dos actuais acontecimentos no Líbano para fazer pressão sobre os países membros da «Frente Firmeza» e enfraquecer a sua resistência face aos acordos de Campo David.